

OLHARES SOBRE O CONCÍLIO VATIVANO II

BRAGA – SEMINÁRIO DE Nª Sª CONCEIÇÃO

13/14 SETEMBRO 2014

Missão – Paixão por Jesus e Seu Povo
Frei Armindo Carvalho, ofm

Introdução

“A Palavra do Senhor tornou-se para mim ocasião de permanentes insultos e zombarias. Então eu disse: *não voltarei a falar nele, não falarei mais em seu nome*. Mas havia no meu coração um fogo ardente, comprimido dentro dos meus ossos. Procurava contê-lo, mas não podia “ (Jer. 20, 7-9).

“A fé surge da pregação e a pregação surge pela Palavra de Cristo (Rom. 10, 17). O bem é difusivo de si (metafísica). A Igreja é missionária por natureza. Foi constituída para que *saia* constantemente de si mesma, no serviço, no diálogo, na entrega, na missão. “O amor de Cristo impele-nos” (2ª Cor 5, 14) “*Ai de mim se não evangelizar*”(1 Cor. 9, 16) ! Um anúncio que “*faz arder os corações*” – O desafio da pregação inculturada consiste em transmitir a síntese da mensagem evangélica e não as ideias ou valores soltos. Onde está a tua síntese, aí está o teu coração. A missão consiste em unir os corações que se amam: o do Senhor e o do Seu Povo (E.G. 143). O segredo da pregação de Jesus está no cativar as pessoas com seu olhar de mãe: “*não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao Pai dar-vos o Reino*” (Lc. 12,32). O missionário, porque apaixonado por Jesus e seu reino, faz da sua vida testemunhal e da sua pregação um apelo à fé e ao crescimento nela, “*ensinando o povo a cumprir tudo quanto Ele nos tem mandado*” (Mt. 28,20). O evangelizador reza e trabalha, cultivando sempre um espaço interior que recolha e dê sentido cristão ao compromisso e à actividade. Sem momentos de prolongada oração em encontro orante da palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, e o cansaço ocupa o lugar do ardor apaixonado (E.G. 262).

Agradeço o privilégio de estar hoje aqui partilhando convosco. Felicito-vos pela escolha do tema deste Fórum. Obrigado a quem se lembrou de mim e me fez a proposta.

O meu percurso de vida, igual à de tantas outras vidas, tem para mim grandes motivos de louvor a Deus, meu criador, Aquele, o Pai das luzes, de Quem *procede todo o dom perfeito* (Tg. 17).

Recebi a vida num lar cristão e franciscano. Crescidinho, terminada a 4ª classe, tinha ainda 10 anos, ingenuamente sonhava ser missionário. Pedi para entrar no seminário e fui autorizado. Imaginava que qualquer seminário ia dar a missionário e orientava-me para o diocesano, mas alguém me interceptou no caminho e, na minha ingenuidade, me disse que o caminho para missionário era o seminário franciscano de Montariol-Braga. Deus tenha no céu quem me fez esta graça. Num percurso normalíssimo, entre altos e baixos, acabei pedindo por escrito, mesmo antes da ordenação sacerdotal, como era lei, para ir para as missões. Graça que me foi concedida só passados 3 anos. Ordenado sacerdote franciscano a 21 de Julho de 1963, em plena celebração conciliar, tive ainda a grata experiência de acompanhar algumas orientações que iam chegando do Concílio, como: celebrar a

Eucaristia em latim e português, conviver com pessoas de outras religiões, e outros pormenores próprios desta fase de adaptação e transição. Finalmente, parti para a Missão Ad Gentes em Moçambique a 1 de Dezembro de 1966. De lá regressei em Dezembro de 2014. Daqui para diante, aliás, como antes, tudo acontece com normalidade, entre tarefas pastorais, assistenciais, formativas e outras. Sou um homem feliz. Gosto muito de mim, de ser homem, de ser cristão, franciscano, sacerdote e ter sido missionário Ad Gentes. Continuo a alimentar o desejo de manter uma dimensão missionária para o meu dia-a-dia.

Em missão Ad Gentes, recordo com gratidão o muito que recebi de Deus e do povo moçambicano. Também do sul-africano, zambiano e outros com quem contactei. A vida simples e sem privilégios é o maior privilégio da vida. É o que aprendi na grande escola da missão. Deus ofereceu-me irmãos e irmãs religiosos e religiosas como companheiros de missão, mas deu-me a dimensão da actividade dos leigos na Igreja como o mais precioso valor da mesma missão. Sou testemunha de leigos autóctones verdadeiramente empenhados no serviço do Reino. Muitos deles trocaram a vida terrena pelo martírio em resposta à sua fé. Nada levei para dar, mas muito recebi para trazer. Foram, é verdade, quase 40 anos, mas não pesa o tempo quando é usado neste serviço e com amor. A riqueza cultural da pobreza, da transparência, da simplicidade e da gratidão são valores que vivi e que envergonham por vezes os meus, porque me ensinam a viver a verdadeira alegria do Evangelho.

A missão na Igreja pré-conciliar

Recordo convosco esta Igreja, mandada por Jesus para o mundo, sem fronteiras, a levar a Boa Nova da Salvação. Recordo a Missão Ad Gentes.

Na Igreja pré-conciliar o missionário é enviado e parte para o desconhecido, levando só bilhete de ida. Vive muitas vezes só, entregue à oração e a todo o tipo de acção, pastoral, material e espiritual. Junta, necessariamente a tarefa da evangelização com a promoção da dignidade humana para todas as pessoas, criando infraestruturas na saúde, no ensino e educação, trabalhando e ensinando a trabalhar, no campo e na oficina, no comércio, em tudo o que possa vir a ser meio para todos encontrarem o pão e a dignidade. Por vezes, envolvendo-se ainda em tarefas políticas, com a ilusão da busca da justiça.

Este missionário é uma pessoa, toda ela, feliz! O seu zelo por Cristo é uma paixão indomável que o devora enquanto O não entrega. Juntam-se situações de aventura, de risco sério para a saúde do corpo e da alma, incluindo o da vida, totalmente dada ao povo e à missão. Quase um “franco-atirador”, um desbravador, um herói, devorado pelo zelo da presa a abater: a descrença e seus desvalores. Torna-se um homem duro, isolado, por vezes descontrolado e intolerante, sem capacidade para o diálogo acolhedor e compreensivo. O Zelo absorvente, por vezes sem discernimento, pode levá-lo mesmo à agressividade intolerante, destruindo, com a língua e, mesmo, com obras, valores culturais ancestrais, porque não os engole e os considera inimigos da verdade do Evangelho. Longe dos seus, incultura-se na missão, tornando-se “cafrealizado”, esquecendo mesmo os valores que levou. Se um dia regressa ao seu primeiro ambiente, é um “retornado” perdido. Trata-se de uma vida, um estilo de missão que só ao juízo de Deus se pode confiar. Um pouco, já muito pouco, de tudo isto, pude experimentar.

O Vaticano II – Decreto “Ad Gentes”.

No Cinquentenário do início do Concílio Vaticano II (1962-2012) recordamos algumas das suas linhas de acção, como ventos frescos de mudança. Das suas sessões de 1962 a 1965, saíram decisões de cariz progressista, tentando responder aos desafios da Igreja no contexto do mundo pós-2ª Guerra Mundial. Teve de superar a tendência histórica **clericalista**, diminuindo a influência dominante dos eclesiásticos. Muitos Estados tornaram-se laicos. Hoje vivemos uma forte corrente anticlerical, exaltando a superioridade da Razão científica face à Fé.

Do Concílio vêm novas forças para a evangelização. A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser «*sacramento universal de salvação*», por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. Os próprios Apóstolos em que a Igreja se alicerça, seguindo o exemplo de Cristo, «*pregaram a palavra da verdade e geraram as igrejas*».

Como ontem, hoje a Igreja segue os desígnios de Deus:
Ilustro com textos conciliares:

Desígnio do Pai

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo.

Missão do Filho

Este desígnio universal de Deus para a salvação do género humano realiza-se dum modo quase secreto na mente humana. Também pelos esforços, pelos quais os homens de mil maneiras buscam a Deus.

Missão do Espírito Santo

Para isso, precisamente, enviou Cristo o Espírito Santo da parte do Pai, para realizar no interior dos corações a sua obra salvadora e impelir a Igreja à sua própria dilatação.

O nome de «missões» dá-se geralmente àquelas actividades características com que os pregoeiros do Evangelho, indo pelo mundo inteiro enviados pela Igreja, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo.

No post-Vaticano II

A Igreja, missionária por natureza, foi constituída para que saia constantemente de si mesma, no serviço, no diálogo, na entrega, na missão. Olhando-a como o Povo de Deus, Igreja-comunhão, a missão passa a ser obra de toda a Igreja. Todo o baptizado é um enviado. Nada é sem aquela Igreja-mãe que o envia, que lhe dá um estatuto e o acompanha, beneficiando dos seus benefícios e sofrendo com as suas dores. O seu segredo está no bom exemplo e testemunho de vida e comunhão, transmitindo uma fé que recebeu e que nunca é propriedade privada, nem de um povo nem de uma cultura, mas a salvação de Deus, pela Igreja, para todos os povos da terra, chamados a adorar o Senhor. Ao regressar à Igreja-Mãe, nada tem para trazer, pois nada é sua propriedade. Apenas a alegria e a gratidão por ter sido instrumento privilegiado de Deus e Sua Igreja para a bela missão de instaurar o reino. Não

cortará as raízes afectivas e amorosas para com os que serviu, mas a sua verdadeira alegria está no ter dado com alegria.

Mais ainda. Com as luzes conciliares, emanadas em seus documentos, a missão deixou de ser uma “actividade” da Igreja, mas a mesma Igreja missionária ou em permanente missão. Os seus agentes vivem a comunhão eclesial total e celebram permanentemente o testemunho da união, o único que implanta o reino do amor, de vida e fraternidade. A Igreja evangelizada e a evangelizadora são uma só. É Cristo que alarga os membros do Seu Corpo e os enriquece com essa união. Não interessa se na missão colaboram estrangeiros, nativos, sacerdotes, religiosos, leigos homens e mulheres. A obra é do Espírito Santo e todos d’Ele são agentes privilegiados (Rom. 15,16).

Lembra-nos o Papa Francisco na EG.

Hoje é também necessário que muitos se atrevam a deixar tudo e partir para longe, sobretudo para os lugares onde há mais sofrimento e onde o anúncio do Evangelho é mais urgente. Mas a maioria de nós é chamado a ser fermento onde está. Também e sobretudo os leigos, pois “*a imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço está uma minoria: os ministros ordenados*” (EG 102). Os leigos penetram em todos os espaços e em todos os recantos e em qualquer contexto pode haver um leigo a abrir horizontes: no meio das prostitutas, dos empresários, pescadores, comerciantes, funcionários. Já não faz qualquer sentido perguntar-se se os “leigos” também devem ser missionários.

O missionário tem “*segredos*” que deve guardar sempre no seu coração: O **primeiro é ter um “espírito”**, uma “moção interior” que o impele, motiva e dá sentido à acção. Essa moção é o “amor que recebemos de Jesus por sermos salvos e infinitamente amados”. O **segundo é o “gosto espiritual”** de ser povo e o “prazer espiritual” de estar próximo da vida das pessoas, o que se torna fonte de uma alegria superior. **A missão é uma “paixão por Jesus e uma paixão pelo seu povo”** (EG 268). O **terceiro é o “sentido do mistério”** que vive sob a acção misteriosa do ressuscitado e do seu Espírito. Ela sempre nos surpreende positivamente” (EG 278). Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, permitindo que Ele nos ilumine e guie. O **quarto é o estar sempre a orar pelos outros**, com um coração intercessor, que nos motiva a procurar o bem dos outros.

A Igreja mantém a múltipla tarefa missionária:

1. Ainda o *envio “Ad Gentes”* para aqueles que são enviados para outros territórios a levar aí o “primeiro anúncio” do Evangelho ou colaborar na implantação da Igreja já existente em crescimento;
2. A “*actividade vital, da Igreja*” que só sendo missionária tem razão de existir. Actividade muito variada em terras já evangelizadas, ou em zonas adormecidas na fé, realizando a “*Missão Inter gentes*”
3. A “*Igreja pastora*”, que alimenta, dessedenta e conduz o seu rebanho permanentemente às fontes da água viva, para que cresça na fé e no testemunho de vida em fraternidade e comunhão, não esquecendo a difícil missão de reevangelizar os que saíram ou esqueceram o seu rebanho e o seu pastor.

Conclusão:

1. Missão *Ad Gentes* é um Dom de Deus. Graça preciosa.
2. Uma aprendizagem da Vida: pela partilha de modos diferentes de viver, de culturas, raças e religiões, de sentimentos culturais e experiência de verdadeira pobreza. Também a missão "*Inter Gentes*"
3. Uma vivência que "marca" no interior e no exterior.
4. Um caminho percorrido, mas nunca acabado, necessitando ser continuado.
5. Um "sair de si", centro do mundo, para ser com os outros: o centro é Cristo.
6. Do encontro pessoal com Jesus parte o encontro com os mais pobres: a nossa verdadeira riqueza. Leva a procurar quem Jesus procurou e privilegiar os seus mais queridos: pobres, doentes, pecadores, bons e maus.
7. Objectivo da missão: tudo levar para o Pai, para seu louvor e glória.
8. Dar razões visíveis e palpáveis à nossa esperança, experimentando-as na prática.
9. Dar crédito à acção do Espírito.
10. Comunhão nos êxitos e fracassos. Aprender a fracassar sem morrer. Cantar a gratidão.

“Quando dizemos que a Igreja é missionária por natureza, estamos a exprimir isso mesmo: que ela foi constituída para que saia constantemente de si mesma, no serviço, no diálogo, na entrega na missão”.